

Novo método substitui cirurgia renal

Extrair cálculos renais através de cirurgia é coisa do passado no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto. Pelo menos para 80% das pessoas portadoras da doença que agora podem se livrar das temíveis pedras nos rins em sessões indolores de litotripsia — os 20% restantes só resolverão o problema em operações.

A litotripsia é feita com ~~aparelho importado da Alemanha, o Siemens Lithostar Plus, que custou US\$ 1,7 milhão (cerca de Cr\$ 620 milhões ou 300 carros Fiat modelo Uno Mille, zero quilômetro).~~ Através desse processo, pelo menos cem pacientes por ano se livram da doença no hospital de Ribeirão Preto.

A máquina que realiza esse processo é acionada por com-

putadores e bombardeia com irradiação os cálculos renais que, destruídos, entram na corrente sanguínea e são eliminados pelo paciente na urina.

TRANSPLANTE

É o único centro médico universitário do País a oferecer esse tipo de serviço gratuitamente. Não é a única razão de que o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, fundado em 1956, tem para ser apontado como um dos melhores serviços médicos do Brasil. Principalmente na área de nefrologia (especialidade médica que trata dos problemas renais). Em 1968, uma equipe do hospital realizou o primeiro transplante de rim da América Latina.

Dessa época até agora, o Hospital das Clínicas de Ribeirão realizou mais de 500 cirurgias desse tipo. Atualmente, num sistema totalmente informatizado, foi criado o São Paulo Interior Transplante, que tem cadastrados os nomes de 1.200 pessoas que precisam se submeter a transplantes renais em todo o Estado.

“Com isso, podemos, em caso do surgimento de um rim para transplante, escolher entre os doentes catalogados qual deles mais se adapta ao órgão doado e mandar buscá-lo em qualquer lugar de São Paulo”, informa o diretor-superintendente do hospital há quatro anos, Antônio Carlos Martins.

Ele administra o orçamento do hospital, que no ano passa-

do foi de US\$ 85 milhões (cerca de Cr\$ 31 bilhões), 75% dos quais vindos do governo do Estado.

“O pessoal da limpeza e lavanderia, seria contratado através de empresas que prestassem serviços na área”, acrescenta. Enquanto não consegue colocar esse plano em prática, Antônio Carlos Martins tenta fazer com que as equipes médicas e paramédicas gastem menos material. Coisa difícil em tempos de Aids. “Hoje gastamos cinco vezes mais luvas cirúrgicas do que há cinco anos”, garante. A boa qualidade do serviço médico do hospital atrai pessoas de todo o País, prejudica o atendimento e faz com que alguns setores funcionem precariamente. É o caso do hemocentro.